

ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO DOS MERCADOS DE ARROZ INTERNACIONAIS COM O BRASILEIRO

Maria Ap^a S. Braghetta Motta¹; Hirina Oliveira Moraes Espósito²; Silvia Helena G. de Miranda¹ ². ¹Cepea – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, Cx Postal: 132, CEP: 13400-970, masbmott@esalq.usp.br. ²ESALQ – USP.

Palavras chaves: arroz, mercado internacional, correlação, qualidade

1 - Objetivo

Este estudo visa a analisar o grau de integração do mercado brasileiro de arroz com o mercado internacional, através da análise de seus preços. Ainda, pretende-se discutir a questão da diferenciação do produto comercializado pelos diversos países, tendo em vista o potencial das exportações brasileiras como canal de escoamento da produção, dada a nova conjuntura setorial de excedentes de oferta de arroz de qualidade.

2 – Justificativa

O arroz é um importante componente da cesta básica da população brasileira. O Brasil é o maior produtor e importador da América Latina enquanto a Argentina e Uruguai, principais países exportadores de arroz em casca ou beneficiado para o Brasil, ocupam o 6º e 5º lugar no volume produzido na América Latina, respectivamente. (FAO, 2005).

Em termos de consumo, a preferência do consumidor é influenciada pelos costumes e valores específicos de cada região. Segundo Khush (1995), citado por PEREIRA (2001), o consumidor do Japão, China e Coreia, prefere o arroz de grãos curtos; na Índia, Paquistão e Tailândia, o arroz aromático chega a atingir altas cotações de preço; nos grandes centros urbanos brasileiros, o arroz de grãos longos e finos (popularmente conhecido como agulhinha) tem a preferência.

3 - Definição da classificação do Arroz no Brasil e no Mercado Internacional

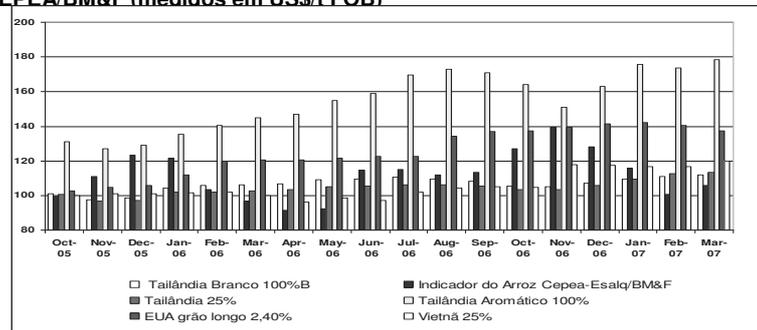
A Portaria nº269 de 17/novembro de 1988 do Ministério da Agricultura regulamenta a classificação de arroz no Brasil para fins de padronização e comercialização. O tipo mais relevante, em particular no Sudeste e Sul do país, é o longo-fino, produto que contém no mínimo 80% do peso dos grãos em inteiros, medindo 6,6 mm ou mais no comprimento; 1,85 mm de espessura máxima e cuja relação comprimento/largura, seja superior a 2,75 mm, após seu polimento.

Segundo PECHSIAM (2007), o mercado asiático segue uma classificação própria para exportação de arroz. Suas definições estão centradas, especialmente, no percentual de grãos curtos dos grãos presente na amostra. Para o arroz branco 100% B (qualidade secundária), a classificação é de grão longo classe 1, que exige comprimento acima de 7,0 mm para no mínimo 40% da amostra. O restante da amostra (60%) deve corresponder às classes 2 e 3, cujo intervalo se situa entre 6,6mm a 7,00mm e 6,2mm a 6,6mm, respectivamente. A presença de grãos curtos não pode exceder 5%, comprimento abaixo de 6,1 mm. O arroz branco 25%, com preços de referência para Tailândia, Vietnã e Paquistão, é classificado como grão longo das classes 1, 2 e 3; sendo que a percentagem de grãos curtos não pode superar os 50% da amostra. O arroz da Tailândia A1 Super 1 refere-se a um arroz branco, com quebrados de comprimento equivalente a 6,5 partes do grão inteiro, não podendo exceder 5% do volume. A quantidade de grãos quebrados pequenos (grãos que passam pela peneira nº 7¹) não pode exceder 5% (PECHSIAM, 2007). Na figura 1, os preços de diferentes produtos de diferentes origens, estão representados na forma de um índice, que evidencia suas variações e são comparados com um índice para o preço do arroz em casca branco no mercado do Rio Grande do Sul, corrigido para dólares e para toneladas (Indicador do Arroz Cepea-Esalq/BM&F). Os dados

¹ peneira de 0,79mm de espessura e diâmetro de 1,75mm.

tratam do período entre outubro de 2005 (início do Indicador de Preços Cepea/BM&F) e março de 2007. Todos os indicadores utilizados no gráfico abaixo foram ajustados para a mesma base de cálculo – setembro/05. Observa-se que, o arroz aromático da Tailândia 100% e o grão longo 2,40% dos Estados Unidos apresentam uma trajetória ascendente em todo o período considerado, com valores bem acima dos demais tipos. Nota-se, também, que o arroz mais valorizado no mercado internacional é o arroz aromático, destinado a um mercado consumidor bem delimitado, que segundo Del Villar et al. (2005) concentra-se na União Européia e no Oriente Médio.

Figura 1 – Evolução dos Índices dos preços internacionais e do Indicador CEPEA/BM&F (medidos em US\$/t FOB)



Fonte: FAO Rice Price (2007) / CEPEA/ESALQ.

4 - Metodologia

Para avaliar a correlação entre os preços nacionais e internacionais, o cálculo foi baseado na fórmula de Pearson e foram utilizados os dados do Indicador de preços do arroz em casca do Rio Grande do Sul (CEPEA-BM&F) para o arroz 58/10, do Rio Grande do Sul, e os valores médios de importação e exportação de arroz semibranqueados e quebrados do Brasil, obtidos pelo Sistema Alice (MDIC, 2007), todos em dólar. Para um período mais longo foram também calculados os coeficientes utilizando dados da CONAB. O período utilizado foi de setembro de 2005 a março de 2007, com periodicidade mensal. Para os dados de preços internacionais no mercado físico de arroz, foi utilizada a base de dados da FAO (2007), considerando os seguintes produtos: arroz branco 100%B qualidade secundária (Tailândia), arroz branco grão longo (EUA), arroz branco 5% (Vietnã), arroz branco 25% (Tailândia, Vietnã e Paquistão), arroz branco quebrado A1 Super (Tailândia), arroz branco grão médio (EUA) e arroz aromático tailandês.

5 - Resultados e Discussão

Os resultados indicam que há uma correlação muito baixa entre os preços analisados, pois os valores encontrados estão próximos de zero, conforme apresentado na Tabela 1. Isto aponta pouca integração dos mercados internacionais com o brasileiro, sinalizando uma baixa influência das oscilações de preços internacionais no mercado nacional. No caso do mercado de arroz brasileiro, este resultado era esperado, considerada sua baixa participação no mercado internacional, com ênfase no abastecimento do grande consumo do arroz doméstico, indicando uma baixa correlação entre preços domésticos e externos.

É interessante notar o coeficiente de correlação um pouco mais significativo, em termos de magnitude, e positivo dos preços do arroz em casca no Rio Grande do Sul, longo-fino, de alta qualidade, FOB, com os preços do arroz de grão médio exportados pelos Estados Unidos. Um resultado que surpreendeu é o do coeficiente de correlação muito baixo com o arroz da Tailândia A1 Super1 calculado entre este tipo e o valor médio de exportação do Brasil para o arroz quebrado. Considerando-se que, neste caso, trata-se do

mesmo produto, esperava-se algum grau de correlação entre estes mercados, sinalizado por um coeficiente de correlação mais elevado.

Tabela 1 – Coeficientes de correlação de Pearson para o Indicador de Preços de Arroz em Casca do RS (CEPEA-BM&F) e Preço ao Produtor/Conab em relação a diversos preços de referência no mercado internacional de arroz. Setembro/2005-Março/2007

Preço analisado	Coeficiente de Correlação Indicador do Arroz	Coeficiente de Correlação Preço Produtor/Conab
Tailândia Branco 100%B	-0,21	-0,07
25%	-0,22	-0,09
A1 Super1	-0,20	-0,01
Aromático	0,10	0,07
EUA grão longo 2,40%	0,05	0,01
Califórnia grão médio	0,55	0,02
Vietnã 5%	0,03	-0,09
25%	0,04	-0,00
Paquistão 25%	-0,08	-0,03
Tailândia A1 Super1*	0,05	-*

*Neste caso, o coeficiente de correlação foi calculado para o valor médio do arroz quebrado exportado pelo Brasil para o mundo, calculado com base na média simples dos dados do Sistema Alice. Fonte: FAO (2007) - Cepea-ESALQ - Secex/MDIC.

6 - Conclusões

O estudo da correlação entre os mercados do arroz em casca aponta para a baixa relação dos preços domésticos no mercado brasileiro com as oscilações de preços no mercado internacional.

Este estudo deverá ser detalhado e estendido para uma série mais longa de preços, bem como para testar outras relações, como a dos preços domésticos com os preços do arroz argentino no mercado internacional, dado que este produto é importado pelo Brasil.

Uma constatação importante é que, ao se falar no possível escoamento de arroz de qualidade pelo Brasil, para o mercado externo, é essencial avaliar a qualidade e os tipos de produto demandados pelos diferentes mercados. Analisar sua interação, evolução de preços e possíveis brechas a serem atendidas pelo país.

7 - Referência Bibliográfica

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. Disponível em <http://www.conab.gov.br>. (Acesso em junho/2007)

Desenvolvimento tecnológico e dinâmica da produção do arroz de terras altas no Brasil. Santo Antônio de Goiás: CEPEA/CIRAD/EMBRAPA. 2005. p. 79-92.

FAO - Food and Agricultural Organization. FAOSTAT 2005. Disponível em:

<http://faostat.fao.org/site/343/DesktopDefault.aspx?PageID=343> (Acesso em março/2007)

FAO - Food and Agricultural Organization. FAO Rice Market Monitor – Março 2007.

Disponível em: http://www.fao.org/ES/ESC/en/20953/21026/highlight_23001en.html

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. SIDRA 2007. Disponível em:

<http://www.sidra.ibge.gov.br>. (Acesso em março/2007).

IRGA - Instituto Rio-Grandense do Arroz. IRGA/2004 <http://www.irga.rs.com.br> Palestra no VI Congresso Brasileiro de Economia Orizícola, 2004 (29/05/2007).

MDIC - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Disponível em:

<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/inicial/index.php> (acesso em março/2007).

PEREIRA, José Almeida. Produtividade e Qualidade de Grãos de Arroz Irrigado no Piauí.

www.editora.ufla.br/revista/25_3/art11.pdf. (30/05/07).

PECHSIAM/ 2007 Disponível em: Rice Definitions And Standards

http://www.pechsiam.com/allabout_ricedefinitions.htm (acesso em junho/07).